

Livro Alaf 2016

Ficha Catalográfica

Sumário

Adélio Amaro	9
Alfredo de Sousa Pereira.....	11
Ana Vitória Barbosa Mariano	14
André Anlub	16
Angela Feingold	18
Antônio Manuel Palhinha	20
Catarina Labouré	22
Dalva Agne Lynch.....	24
Daniel Costa	26
Delmar Domingos de Carvalho	28
Edivânio Leite	30
Elinalva Oliveira Alves	34
Else Dorotéa Lopes.....	39
Edizio Mendonça.....	41
Izabelle Valladares	43
José João da Cruz Filho	61
Lúcia Guedes	62
Marcelo Garbine	64
Marcello Silva.....	66
Nara Pamplona	67
Rejane Costa Barros	69
Roberto Ferrari	71
Vera Salbego	73

O Ceará é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Está situado no norte da Região Nordeste e tem por limites o Oceano Atlântico a norte e nordeste, Rio Grande do Norte e Paraíba a leste, Pernambuco ao sul e Piauí a oeste. Sua área total é de 148 920,472 km², ou 9,37% da área do Nordeste e 1,74% da superfície do Brasil. A população do estado estimada para o ano de 2015 foi de 8.904.459 habitantes, conferindo ao território a oitava colocação entre as unidades federativas mais populosas

A capital e município mais populoso é Fortaleza, sede da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF). Outras cidades importantes fora da RMF são: Juazeiro do Norte e Crato, na Região Metropolitana do Cariri; Sobral, na região noroeste; Itapipoca, na região norte; Iguatu, na região centro-sul; Aracati, na região do Vale do Jaguaribe; e Quixadá e Quixeramobim na região dos Sertões Cearenses. Na RMF, cidades importantes como Caucaia, Eusébio, Horizonte, Maranguape, Maracanaú, Aquiraz e São Gonçalo do Amarante, sede do Complexo Industrial e Portuário do Pecém, incrementam o Produto Interno Bruto cearense. O estado possui ao todo 184 municípios.

É atualmente o décimo terceiro estado mais rico do país e o terceiro mais rico do Nordeste. A capital, Fortaleza, é o município com o maior PIB do Nordeste, e o nono maior do país.[9] O Ceará apresentava, em 2010, a melhor qualidade de vida do Norte-Nordeste, segundo a FIRJAN, além do segundo melhor Índice de Desenvolvimento Humano da região. O Ceará abriga um dos maiores parques aquáticos da América Latina, o Beach Park, na praia do Porto das Dunas, que recebe cerca de 1,3 milhão de visitantes por ano. O estado também abriga o quarto maior estádio de futebol do Brasil, o Estádio Governador Plácido Castelo (Castelão), que tem capacidade para mais de 64 000 pessoas.

O estado é conhecido nacionalmente pela beleza de seu litoral, pela religiosidade popular e pela fama de ser grande berço de talentos do humor. A jangada, ainda comum ao longo da costa, é considerada um dos maiores símbolos do povo e da cultura cearenses. O Ceará concentra 55% de toda caatinga do Brasil e é o único estado do Nordeste-Sudeste a estar completamente inserido na sub-região do sertão. Terra de José de Alencar, Rachel de Queiroz, Patativa do Assaré, Dom Hélder Câmara, Clóvis Beviláqua, Castelo Branco e de Padre Cícero, o "cearense do século". O Ceará também revelou Chico Anysio, Renato Aragão e Tom Cavalcante, considerados os maiores humoristas do

país;[14] atores e cineastas famosos como José Wilker, Gero Camilo, Luiza Tomé e Karim Aïnouz; além de nomes de destaque das ciências exatas, como Casimiro Montenegro Filho, Fernando de Mendonça, Maurício Peixoto, Cláudio Lenz Cesar, dentre muitos. O Ceará também é conhecido como "Terra da Luz", numa referência à grande quantidade de dias ensolarados, mas que, principalmente, remonta ao fato de o estado ter sido o primeiro da federação a abolir a escravidão, em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea. Por esse fato, o jornalista José do Patrocínio cunhou o título de "a terra da luz" ao Ceará.

Os fatos históricos sobre o território cearense começaram a ser registrados na História Moderna a partir do século XVI. Os primeiros documentos descreviam essa região do Brasil já habitada por diversas etnias indígenas, que viviam da extração de recursos naturais, pesca, agricultura e comércio com povos europeus. A formação histórica do atual Ceará é resultado de diversos fatores sociais, econômicos e de adaptação à natureza, tais como a interação entre os povos nativos, os europeus e os africanos e a desses povos com o fenômeno da seca.

O desenvolvimento independente do Ceará aconteceu depois de sua desagregação de Pernambuco,

em 1799, e sua história foi marcada por lutas políticas e movimentos armados. Essa instabilidade prolongou-se pelos períodos do Império e da Primeira República, normalizando-se depois da reconstitucionalização do Brasil, em 1945.

Délio Amaro nasceu em 1973, em Leiria - Portugal. É um apaixonado pelos Açores tendo feito o levantamento fotográfico e histórico das 154 freguesias, dos 19 concelhos das 9 ilhas dos Açores. Atualmente é diretor executivo do Jornal Gazeta Lusófona (Suíça) e colabora na imprensa de Portugal, Suíça, França, Canadá, EUA e Brasil. Fundador e presidente da Associação de Investigação e Cultura dos Açores/Leiria. Autor dos Brasões das Freguesias da Barreira (Leiria) e Algarvia (Açores). Membro de várias Associações e Academias. Detentor de diversas medalhas e honrarias. Tem mais de 22 livros publicados. Membro Correspondente Internacional

XXXVI

Na tela
com cautela
pinto-te nua
como na minha rua
em dia de paixão.

Solto o pincel
e rasgo o papel
desta ilusão.

Na tela
com o meu punho
desisto da cor
e lanço a dor
que traçou meu coração
com três linhas de carvão.

Adélio Amaro

Alfredo de Sousa Pereira

Alfredo de Sousa Pereira A. S. P. (Alsoupe), nasceu a 1/3/1940 em Riachos, Torres Novas, Portugal. Viveu em Moçambique de 1961 a 1975. Em 2012 editou um livro de poesias intitulado “Os Caminhos do Poeta”. Em 2014 participou em várias publicações do CEMD e LITERARTE. É sócio da SPA-Sociedade Portuguesa de Autores, do CEMD e é membro da Academia de Letras de Goiás e da Academia de Letras de Fortaleza, já viveu em alguns países e além de gostar do Brasil, tem laços de amizade e o reconhecimento do seu trabalho no Brasil.

Amor Sem Fim

Nos momentos de maior calma
Uma grande tristeza a mim se agarra
E sinto em mim uma tal letargia
Como o langor triste duma guitarra.

Quando me assalta esta melancolia,
Que destrói o muito que há em meu peito,
Não sei se valha a pena esta porfia
Na vã procura deste amor desfeito (?).

Meu amor, eu sou como o girassol,
Tu és p'ra mim como um inefável sol,
É como se brilhasses só p'ra mim.

Em teu redor estarei a cada instante,
Mesmo que me aches insignificante,
Meu amor por ti jamais terá fim.

A Eterna Procura

Se as penas por que Amor me trata assim,
Me põem os olhos a transbordar,
Não canse o Cupido de me guiar,
O rumo não me falte nunca a mim.

De tudo aquilo que eu quero p'ra mim,
P'ros meus desamores desafogar,
Quero apenas ter um Amor p'ràmar
E ter, na alma, calma até ao fim.

E se Amor me faltar a qualquer hora,
Se p'ros sofrimentos não houver cura,
Se a saudade mandar a Paixão embora,

Os deuses não permitam que a loucura
Me deixe olvidar-te, jovem Senhora,
Porque, p'ra mim, és a eterna procura.

Ana Vitória Barbosa Mariano

Ana Vitória Barbosa Mariano, é estudante do Ensino Médio, participa desde cedo de projetos literários juniores. Publica atualmente poesias, contos e histórias em sua página de histórias compartilhadas da internet e em blogs relacionados à literatura. Em 2014 participou do projeto Criações Literárias do Colégio Santa Cecília, com o poema “Uma pequena poesia para meu tio-avô”.

Meu SerTão

Quando vejo meu sertão como "tá"
Fico a chorar.
Quando vejo a dor do sonhador sertanejo,
que aonde for
Quer voltar
Mas não dá pra ficar lá,
Gado morreu
Planta a secar.
Não dá!
Água acabou,
Lágrima derramou e

Com saudade um dia hei de voltar.
Minha terra sempre está dentro de mim,
Guardo sempre o amor pelo meu lugar.
Quem sabe, um dia eu possa voltar,
Mas por enquanto só sinto saudade de lá.
"Cabra da peste"
"Cabra macho"
Do machado eu tenho o aço,
O sertão em baixo do braço
Com certeza eu vou levar
"Cabra macho" e
"Cabra "homi""
Sempre com a mesma fome,
Sede e fome do lugar
Que um dia eu chamei de lar.
E vou rezar pra minha Maria
Mais de dez Ave Maria,
Pra chuva voltar "aculá"
E assim poder voltar.
Para rever minha senhora
Peço a Nossa Senhora
Que me permita encontrar.
Quero ter minha condição
E não adianta dizer não,
Porque seca no sertão
Não é mais novidade aí não.

André Anlub é autodidata nas artes, tem uma tela no MAC do Senhor do Bonfim (BA), Autor de 5 livros e coautor em 60 em papel e outros em ebook, é Imortal da AACLIG e membro das Acad. de Letras da Bahia, São Paulo, Goiás e do Núcleo Acad. de Letras e Artes de Lisboa (PT). Prêmios: Personalidade 2013 (ArtPop), Qualidade 2014 (Braslider).

Podado no Ceará

Voei de Juazeiro do Norte, de sortes, de nuvens,
Sol quente, um pouco de sede e muito já de saudade.
Deixei o olhar dos cães e os meus olhos úmidos para
todos que tenho apreço...
Mas é breve, é coisa ligeira; já,
já retorno depois de beijar o mar...
O tempo passa tão logo, tão “flash”,
como os ponteiros do relógio,
Na pressa e na eternidade do tempo que sempre já foi.
Seguem avião e emoção,
trocam-se óculos: escuros – de grau;
Vem bloquinho, vêm sonhos de realidades...
Ao meu lado na poltrona: ninguém!
Lugar vazio é coisa rara nos tempos de hoje...
Vai ver foi brincadeira do destino,
para aumentar o vazio – duplicar a saudade.

Fortaleza é Meireles, Aldeota...
um dia declamando suas retas, suas tortas;
Poesia do Brasil que simboliza
o simplório mais suntuoso e calmo,
Fantasia todas as mentes salgadas,
doces e até as ensossas... por que não?
Frescor de naturais perfumes
que transpiram os corpos em cores,
Os amores em mão e contramão.
As feirinhas: tão nossas, tão de todos;
Origamis dos papiros em sonhos – cá e lá...
Bonsais encarnados são árvores
que nascem de breus ou lumes... fazem-nos alados;
Dizem tudo na singeleza do podar,
– fui podado no Ceará.
Agora é sentir a brisa e deixar o ciclo rolar;
é soltar o barco no mar e acreditar;
É curar o arrepio, ser pertinente e vadio.
A sujeira é limpa e o borrão torna-se
um belo desenho.
O arremate depende do escultor,
a escultura não está completa;
O que virá, veremos; o que se foi,
folia que liberta.
A justiça sempre é feita,
de uma maneira ou de outra – ela é inquieta.
Agora torno-me mais eu e bato o martelo...
cumpro minha missão,
E na submissão, que assaz “sub”,
meço-me, aceito-me, e dá o que dá...
Mais uma vez fui podado
(com muito gosto) no Ceará.

Angela Feingold

Angela Feingold,nasceu em 16 de outubro de 1952,na cidade do Rio de Janeiro.Formada em administração,funcionária pública aposentada.Atualmente Presidente da ALAF (Academia de Letras e Artes de Fortaleza),produtora artística,representante da Editora Mágico de Oz no Brasil,Diretora do Instituto Barão de Ayuruoca,Embaixatriz da Cidade de Mar de Espanha em Minas Gerais, detentora da Comenda Governador Valladares entregue na Cidade de Cabo Frio Rio de Janeiro,e membro Correspondente de diversas Academias de Letras.

Faz de Conta

Vamos brincar de amor,
Esquecer a angústia, e a dor,
Mudar das cores a cor,
Tornar o negro incolor,
Fazer do amarelo lilás,
O vermelho em azul transformar,
As guerras trocar pela paz,
Aprender a amar,só amar,
Contemplar o azul do céu,
Lilázes canários ouvir,
Cantando a alegria de ser,
Que cantar é seu jeito de rir.
Fingir que não há ódio nem dor,
É assim que se brinca de amor
Vamos brincar de acabar,
Cessar de cantar fingimentos,
Deixar os corações descansar,
Encerrando esses bons pensamentos.

Antônio Manuel Palhinha

Membro Correspondente Internacional António Manuel Palhinha, nascido em 13 de Maio de 1967, em Lisboa. Vive na cidade de Odivelas desde os primeiros dias de vida até aos dias de hoje. Muito cedo manifestou interesse pelas ciências e pela escrita. Apaixonado pela medicina, nomeadamente cardiologia e Medicina de catástrofe, mas também, um amante da escrita. Certificado pelo Conselho Científico - Pedagógico da Formação Contínua em várias áreas e domínios. Pioneiro a nível Internacional na formação em Primeiros Socorros para Cegos e Ambliopes. Um sonhador das letras. Iniciou-se a escrever poesias quase ao mesmo tempo que começou a aprender a escrever. Um profissional de saúde, um cidadão do mundo.

Nada me Resta

Nada me resta, somente o murmurar do coração.
O leve e regular respirar que o acompanha,
Companheiros de uma vida, de uma já longa estrada.
Nada me resta, senão esperar nesta enorme solidão,
O que o tempo, seja ele qual for traga na alvorada,
A este corpo que presentemente tudo estranha.

Nada me resta, somente ver-te passar na distância.
Ler-te nas linhas de azul-turquesa que queiras deixar.
Olhar no horizonte distante e com esperança tamanha,
Sentir no peito que se cerceia em ânsia,
A vontade imensa de nos braços te apertar.

E em todo este meu sentido lamento,
Sinto no rosto a brisa e a chuva sem se deter.
Sentado numa pedra que o meu corpo sustenta,
Olho as gentes e o seu buliçoso tormento.
Mas detenho-me na esperança de te ver.

Professora Mestra em Letras e Ciências Humanas, pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Pós-graduada, com especialização em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e graduada em Letras (Português - Literaturas) e Pedagogia pela UERJ. Pedagoga na Universidade da Força Aérea (UNIFA) e membro do corpo editorial da Revista Científica da UNIFA, bem como membro correspondente da Academia de Artes, Ciências e Letras da Ilha de Paquetá
Membro Correspondente ALAF Rio de janeiro

Quando...

Quando,
sem limites, dedicaria a ti todas as minhas horas...

Quando,
infinitamente, acariciaria a tua imaculada frente...

Quando,
incessante, beijaria o teu límpido e suave corpo...

Quando,
sofrida, daria em ti o meu tão último e saudoso abraço...

Quando,
em total desvelo, velaria o teu eterno e derradeiro sono...

Quando,
em razões primeiras, por minhas janelas,
contemplaria a tua tão bondosa alma...

Quando,
por motivos últimos, em meu sofrido ser,
teria a despedida dos teus resplandecentes olhos...

Quando...
Eu não imaginava este tão doído e quão perto quando!

Dalva Agne Lynch

Dalva Agne Lynch é Acadêmica da ALAF e possui quatro livros publicados no Brasil, além de dezenas de participações em Antologias no país e no exterior. Recebeu inúmeros prêmios por seus poemas, contos e livros e tem um amor especial pelo Ceará, onde casou-se com o amor de sua vida e passou sua lua-de-mel. Está no momento escrevendo seu terceiro livro de ficção, a sair em breve.

Paraíso

Para mim

O Ceará foi a cor do mar
refletida nos olhos claros
daquele que ousou me amar...

Para mim

O Ceará é agora a lembrança
de tempos de sol e beleza
de amor, de vida, esperança...

Para mim

Há um Ceará lá no Céu
onde aquele que me amou
será meu mais lindo troféu...

Daniel Costa. Depois de jornalista especializado em filatelia; de ter criado a sua própria revista, a FRANQUIA, tornou-se escritor. Tem 9 livros publicados, 5 de poesia e 4 de prosa, com o 10º. (poesia), a sair em breve.

Jóia Rara

Beleza de seara!
Exclama o agrário
Jóia rara
Leitura para literário
Tudo se equipara
Patena em sacrário
Música de câmara
Anjo honorário
Jóia rara
Bonito cenário
Aveludado de pêssigo e tâmara
Evangelista e seu breviário
Mulher bonita de tiara
Catita comentário

Jóia rara
Piropo temerário
Poesia clara
Desejo, como corolário
Jóia rara
Lampejo binário
Jóia rara!

Delmar Domingos de Carvalho

Nasceu em Lisboa, em 19 de julho de 1939. Após ter frequentado quatro Escolas no Ensino Primário; uma, em cada classe, a partir de 1950, segue os estudos na Escola Secundária de Figueiró dos Vinhos até ao 5º ano dos Liceus, prosseguindo na Escola Luís de Camões, Lisboa, (alínea e), rumo ao curso de Direito, tendo depois estudado Grego com destino a Histórico-Filosóficas. Defensor da Educação Permanente, obtém o Curso de Nutricionismo e Dietética em espanhol, em 1972, e nos anos seguintes inscreve-se na Faculdade Livre de Cultura Humana, Bordéus, França, tendo, apenas, concluído o curso de Biologia Naturopática. Participa de diversos movimentos Literários, tem vários livros publicados e é membro de Academias Internacionais.

A Lusofonia é Cultura Universal

A lusofonia é cultura universal,
Irradia Luz e Amor
Da Vida em espiral
É o mundo em Flor!
Não há outra igual,
Cheia de Fogo, de Calor,
Instrumento da Pineal;
Tu serás o Libertador.
És a principal,
Um arco-íris numa só Cor,
Uma criação original,
Merecedora de louvor.
Avançando dia a dia,
Venceremos o novo Adamastor,
Da global plutocracia,
D'um tenebroso inquisidor.
Com esperança e alegria
Vindas do Cosmo com valor,
Numa universalista supremacia
Será um humilde e aquariano Precursor.
Delmar Domingos de Carvalho

Edivânio Leite, é escritor, poeta, bacharel em Direito, advogado e articulista jurídico, nascido na cidade de Farias Brito, no Ceará em 11 de junho de 1971. Mudou-se para São Paulo no ano de 1986. É autor dos livros "Você, O Senhor do Destino", publicada pela editora All Print; dos livros infantis "TANG, o sonho do pequeno imperador", "Dante o pinguim" (português e espanhol); "Gigi no reino das fadas"; "Neco o jumentinho"; "Gino, um dragãozinho em Andradina"; de Direito: "Do excesso na legítima defesa" e "Súmulas e OJ'S do TST". É associado à LITERARTE – Associação Internacional de Escritores e Artistas Plásticos e membro da ALAF – Academia de Letras e artes de Fortaleza e Aliandra – Aliança de Literatos de Andradina. Acadêmico Efetivo ALAF.

Neco, o Jumentinho

Na serra do quincuncá, na Província do Ceará, havia um jumentinho chamado Neco. As crianças o viam todos os dias na praça ao redor, a observar e a comer a pouca grama que existia ali.

Neco foi abandonado por seu dono malvado desde cedo nos arredores da cidade.

Muitas crianças se divertiam ao voltar da escola e jogar pedras em Neco.

Triste, Neco fechava rapidamente os olhos, virava-se e caminhava sem rumo pela vila para escapar das pedradas.

Outro dia, Neco estava dormindo na praça São José quando de repente foi acordado com o barulho de uma bacia de alumínio cheia de milho.

Era Cícero, um menino magrinho que sempre passava ali perto e via Neco sendo apedrejado pelos meninos maus. Ficava com pena, porém tinha medo dos garotos.

O menino saiu correndo logo que ouviu Neco dizer “Obrigado”. – Socorro! Um jumento falante! Gritou Cícero nas ruas.

No outro dia, Cícero pensando que deveria ter se enganado, aproximou-se mais uma vez do jumentinho e perguntou: Você fala? E Neco respondeu: lógico! E o

menino admirado perguntou se Neco não gostaria de morar no sítio de seu pai.

Neco na mesma hora respondeu que sim, pois seria bom ter um amigo para conversar e claro, para lhe dar comida e proteção contra as pedradas da molecada.

– Combinado. Vamos agora mesmo!

E Cícero disse para Neco que o seguisse até o sítio de seu pai.

Quando lá chegaram, o pai do menino perguntou: O que faz com este jumento aqui Cícero? Está ficando louco? Esse jumento há anos mora na rua e deve estar cheio de pulgas. Leve-o embora!

Cícero olhou para Neco e percebeu seus olhos tristes.

– Não tem problema amigo, disse Neco ao menino. E o jumentinho partiu em direção a praça novamente.

Cícero não conseguia comer, nem estudar direito, a pensar que talvez seu novo amigo poderia estar com fome e sede.

Seu pai percebendo a tristeza do menino, foi até a praça, pegou o jumento e levou-o até um veterinário, o qual tratou das feridas, deu-lhe banho e lá saiu Neco feliz ao encontro do seu amigo, o qual receberia ele como presente.

– Cícero? Chamou o pai. Olha o que eu trouxe para você! Uma visita.

Cícero não se conteve. Correu para abraçar o pai

e o jumentinho e disse: Obrigado pai. Neco deu uma piscadinha para Cícero, pois não podia falar na frente dos adultos.

Assim, Neco viveu feliz ao lado do seu amigo Cícero, que com sua pureza de coração e amor aos animais, resgatou-o das ruas.

Elinalva Oliveira, graduada em História, mestre em Educação Especial é acadêmica da Academia Feminina de Letras do Ceará – AFELCE, da ALAF; acadêmica correspondente de academias nacional e internacional. É associada da AJEB - Ceará - Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil e da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno. Detentora de prêmios e comendas.

A luminosidade de uma Catedral na cidade de Nossa Senhora de Assunção

Fortaleza está localizada logo abaixo da linha do Equador, a cidade desenvolveu-se às margens do riacho Pajeú, no nordeste do país, possui a rota mais curta do Brasil para a Europa, Estados Unidos, Cone Sul e África, isso em mais ou menos seis horas e meia de voo.

Surgiu ao redor do Forte de Nossa Senhora da Assunção, construído pelos portugueses, um povoado, que originou a quinta maior cidade brasileira: Fortaleza. A criação do município se deu a 13 de abril de 1726, ocasião em que foi elevada à condição de vila. Tem a maior área de influência regional e possui

a terceira maior rede urbana do Brasil em população, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro.

A vida cultural é diversificada e fecunda. Muitos artistas, escritores, pintores e cantores, fazem das praças, palcos para divulgar o que ela tem de mais sensível. Embora tenha vários teatros, o mais importante é o Theatro José de Alencar.

O Passeio Público de Fortaleza é um dos patrimônios culturais e paisagísticos da cidade, lugar que guarda a triste cena do fuzilamento dos revolucionários cearenses participantes da Confederação do Equador. A Casa de Juvenal Galeno, importante instituição cultural leva o nome de um dos mais importantes poetas nascido na cidade, o folclorista Juvenal Galeno.

A Casa de José de Alencar, o Cine São Luiz, anualmente, acontece o festival da Sétima Arte: o Cine Ceará, a Praça do Ferreira, patrimônio de grande valor histórico e cultural, é também espaço das manifestações sociais, em seus destacados cafés do final do século XIX ali originou os movimentos abolicionistas, republicanos e literários representado pela Padaria espiritual.

Seguindo algumas quadras, tem o prédio da Estação João Felipe, ponto de partida da estrada de ferro construída por ocasião da seca de 1877. O Centro de Turismo, antiga cadeia pública, sediada em um prédio de linhas neoclássicas do século XIX, oferece, nas antigas celas, artigos típicos cearenses, em suas

mais de cem lojinhas.

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, a Praia de Iracema, a Ponte dos Ingleses e o famoso Pirata Bar. Além, encontramos a Avenida Beira Mar com sua feira de artesanato ao cair da tarde, a Praia do Futuro com suas coloridas "barracas" de praia, o farol velho e o novo. O forró é o gênero musical mais popular, com várias casas de show pela cidade.

Decantada por muitos, foi batizada de Loira Desposada do Sol pelos versos do poeta Paula Ney, a metrópole cearense é o berço natal de renomados brasileiros, o ex-presidente Castelo Branco, Dom Hélder Câmara, Clóvis Bevilacqua, Gustavo Barroso, Alberto Nepomuceno, Capistrano de Abreu, Casimiro Montenegro Filho, José de Alencar, Maria Luisa Fontenele, Heloneida Studart, Henriqueta Galeno, Rachel de Queiroz. Apenas para citar alguns.

Além de toda essa beleza exuberante, essa cidade, abriga em sua área central, na Praça Pedro II a magistral "Catedral Metropolitana", mais uma feliz obra arquitetônica para visitação em seu belo acervo traduzido nos significativos vitrais da arte sacra em seus vibrantes jogos de luzes.

A obra anterior foi erguida no ano de 1854, principal capela da capital cearense. Porém, os anos trouxeram rachaduras deteriorando-a sendo necessária a demolição ocorrida em 11 de setembro de 1938,

a catedral provisória passou a ser a Igreja do Rosário.

A pedra fundamental embora lançada no ano de 1939, por escassez de recursos, as obras seguiram lentamente por quase quarenta anos para ser construída.

A construção de um novo templo é projetada pelo engenheiro francês George Maunier que a reforma em estilo gótico romano como afirmação de uma nova filosofia popularizando a pintura a óleo e a técnica da exaltação da luz nos vitrais.

Luz essa que para o Abade Suger de Saint-Denis (Paris), adepto da teologia do Pseudo-Dionísio, destaca a representação material da Jerusalém Celeste, onde a luz é o meio para a comunicação do divino, do sobrenatural, veículo propulsor à comunhão com o sagrado, podendo o homem comum admirar a glória de Deus acentuando sua mortalidade e inferioridade.

A monumental Igreja foi entregue aos fortalezenses aos 22 de dezembro de 1978, por sua Eminência, o Cardeal, D. Aloísio Lorscheider capaz de abrigar cinco mil pessoas.

No seu interior, do lado esquerdo da nave central está a Capela de São José, padroeiro do Estado e da Catedral de Fortaleza. Logo à direita, vimos a Capela dedicada a Nossa Senhora da Assunção, Excelsa Padroeira dessa cidade.

Ao lado esquerdo do presbitério, encontra-se a Capela do Santíssimo Sacramento, lugar ideal para que

os fieis e visitantes possam parar um pouco e orar, lá está à presença viva de Jesus na Eucaristia.

Na sua parte central (presbitério) encontra-se o altar mor trazido de Verona (Itália), doado por um amigo de Dom Delgado, ex-Arcebispo de Fortaleza. Nessa Catedral, há uma cripta, consagrada à juventude desde a sua inauguração em 1962, feito de D. Antônio de Almeida Lustosa, Arcebispo da época, destacando em seus seis altares santos que morreram na Adolescência: Inês e Goretti, Tarciso, Domingos Sávio, Pancrácio e, Luzia.

No altar central está à imagem de Jesus adolescente, de braços abertos, expressando o acolhimento a todos que ali visitam. Nessa cidade, guardamos as datas de 19 de março, Dia de São José, 15 de agosto, Dia de Nossa Senhora da Assunção, padroeira de Fortaleza.

Else Dorotéa Lopes

Else Dorotéa Lopes é Professora e Contadora de Histórias. Graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Literatura Brasileira. É Consócia dos Institutos Históricos e Geográficos do Alto de Rio das Velhas de Nova Lima (MG) e do Ciclo do Ouro de Sabará (MG). Foi Professora voluntária de Literatura na Apac – Associação de Assistência e Proteção aos Condenados de Nova Lima. Por esse trabalho foi finalista do Prêmio Vivaleitura em 2009. É Membro de diversas Academias de Artes.

Vou-me embora

Vou-me embora pra Fortaleza
Vou-me embora pro Ceará
Lá as praias são uma beleza
Não tenho medo do carcará
Despertarei de madrugada
Em Jericoacoara verei o mar
Caminharei na Canoa Quebrada
Com Padre Cícero irei rezar
De Chico Anísio, receberei lições
De Alencar, romances lerei
De Fagner, ouvirei canções
De Patativa, poemas recitarei
Ouvirei Belchior tocar viola
Realizarei meus desejos
Tomarei sorvete de graviola
Comerei rapadura e caranguejos
Vou-me embora pra Fortaleza
Vou-me embora pro Ceará

Edízio Mendonça Barra do Mendes-BA. Escritor e Político Brasileiro, é autor de mais de 70 livros inéditos e vários cadernos sobre história de Barra do Mendes, e de todos os municípios da Região de Irecê. É Membro de diversas entidades culturais e de classe, tais como, Academia Guanabarina de Trovas – RJ; Academia Itajubense de Letras – Itajubá – MG; Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras – Anápolis – GO; Academia Conquistense de Letras, Vitória da Conquista – BA – Academia Barramendense de Letras – Barra do Mendes – BA, Academia Cabista de Letras – Arraial do Cabo – RJ, Academia Ireceense de Letras – Irecê – BA, Academia Goianense de Letras – Goiânia – GO, The International Academy of England Londres – Inglaterra, entre outras.

CEARÁ

“Terra do Sol, do amor, Terra da Luz!” “
Seja teu verbo a voz do Coração
Verbo de paz e amor do Sul ao Norte!”
Terra fértil e glorioso rincão!

Terra formosa, Terra de Iracema,
É preciso conhecer suas belezas,
Suas tradições, encantos, atrações,
Suas belíssimas praias e suas riquezas.

Sua linda capital é Fortaleza
Epopéia de rara e grande beleza
E, que é um belo símbolo do amor.

O teu povo é bom, pacífico e ordeiro,
Agradável, reto e hospitaleiro,
Povo simpático e trabalhador!

(Do livro “Estados do Brasil” sonetos – de Edizio Mendonça)

Conselheiro pelo Povo

Natural do Rio de Janeiro, nascida em 13/05/1975, escritora, neta do jornalista baiano Antônio Andrade, ganhador do prêmio Esso de 1967 recebeu em laços sanguíneos o amor pela arte. Desde criança gostava de escrever e na infância confeccionava livros com folhas de caderno e cola. Organizou mais de 100 livros. Ganhadora de diversos concursos de contos e crônicas nacionais e internacionais. Tem atualmente mais de 20 Livros Publicados com Destaque para os Infantis: “ Mamãe o que é preconceito, Franklynstein Pop Star e Uma múmia muito doida. Membro Correspondente Rio de janeiro

Caros leitores, algo que chamou minha atenção quando comecei a visitar as bancas de literatura de Cordel no Ceará, foi a história de Antônio Conselheiro, na versão contada pelo povo.

Antônio Conselheiro foi uma espécie de herói da resistência, e a meu ver, deveria ser colocado como herói nacional como fizeram com Tiradentes. A ideia de Antônio Conselheiro, ganhou versão de revolta

justamente por mexer com os brios do exército brasileiro, mas Antônio era um homem de Paz, uma espécie de Che Guevara esquecido pelo povo, e deixado de lado por nossa história, ou simplesmente citado em um pequeno resumo na educação escolar, como aconteceu comigo, e hoje com a oportunidade de trabalhar em algo que me dá a chance de fazer pesquisas sobre os assuntos que me interessam, e surpresa fiquei ao entender um pouco mais sobre a revolta de canudos, as mentiras que os governantes inventavam, e a fidelidade do povo ao homem que tinha a ideia de criar um mundo justo e sem diferenças sociais.

Na verdade, o que aconteceu em Canudos, na versão contada pelo povo nordestino, e apesar de sempre haver um pouco de aumento, quando as histórias são contadas em meio familiar, o povo aumenta, mas, não inventa, e na revolta de Canudos, foram massacrados impiedosamente 20,000 nordestinos, que já eram mal vistos pela sociedade, e só queriam e buscavam a liberdade de viverem em paz.

Antônio Conselheiro, além de abolicionista era um grande orador, apesar de ser taxado pela história como mentecapto e lunático.

Conselheiro, pregava a liberdade religiosa, que abalava as leis católicas, imperantes na época, pregava a liberdade dos escravos e a liberdade política, dizendo não, ao pagamento de impostos, cobrados da mesma

forma aos ricos e aos pobres , sem entender que quem ganha menos deveria pagar proporcional ao que ganha, e não ao lugar onde vive,por exemplo se a patroa e a empregada doméstica vivem no mesmo bairro, as duas pagam IPTU no mesmo valor, e por essas e outras, muitas pessoas, que possuem imóveis em locais mais nobres, são obrigados a vender seus imóveis e passar a viver em lugares mais pobres, porque o imposto que cobram do pobre é o mesmo do rico, e os dois não podem habitar em um mesmo lugar (economicamente falando) este tipo de visão era o que não aceitava Conselheiro, criando uma espécie de socialismo de baixa renda, em uma aldeia onde quem quisesse viver com igualdade poderia passar a habitar.

Em uma época em que Brasil tinha coronéis nas fazendas, que além de obrigarem a servidão, mantinham em suas terras homens fortemente armados que faziam as leis locais com força e brutalidade como os barões medievais.

Ao que conta o povo nordestino Conselheiro era um homem intuitivo, obstinado e valente, mas para os senhores da burguesia da época ele não passava de um baderneiro, que queria a todo custo fundar seu próprio país, dentro do sertão baiano.

Conselheiro nasceu em Quixeramobim em 1828. Ficou órfão de mãe aos seis anos de idade.

Seu nome era Antônio Vicente Mendes Maciel,

e depois da morte da mãe com o segundo casamento do pai, Antônio passou a ser criado pela madrasta, que o maltratava, e o mais tarde, passou a persegui-lo por sua insanidade.

Muito cedo sua inteligência o destacava das crianças e o deixava mais próximo dos adultos, Conselheiro aprendeu a Aritmética, Francês, latim e Geografia com o mestre Manoel Antônio que se surpreendia com as idéias do jovem aprendiz.

Antônio vivia em meio a disputas de terras familiares, e nesse meio, viu o próprio avô ser assassinado, levando consigo a idéia de família desestruturado desde muito cedo.

Em 1855 o pai de Conselheiro faleceu, fazendo com que crescesse em Antônio o desejo de não mais viver naquele lugar, pagou as dívidas que o falecido pai deixou, e passou a manter as três irmãs e a madrasta.

Antônio casou-se com Brasilina Laurentina e teve dois filhos, mas ao ser traído por Brasilina, abandonou seus descendentes e desses em uma época em que poucos se preocupavam em registrar descendência ainda mais de um revolucionário, nunca mais se teve notícias.

Depois Antônio casou-se com uma escultora e começou a montar um comércio e também trabalhava como professor e no fórum, defendia os que menos tinham, e assim foi vivendo Conselheiro, homem inteligente e um guerreiro dos que fome sentiam.

Foi nessa época que começou a povoar na mente de João a ideia que poderia criar um oásis em meio a um deserto, e abandonou Joana e sua terra, em busca do lugar ideal para criar este lugar, e assim partiu Conselheiro para Itabaiana, e na sequência para a terra baiana.

Antônio Conselheiro, pregava a vida pós morte e igualdade que Deus buscava entre o povo, passando por cima do poder do Clero, que sempre dava mais ouvidos aos apelos dos homens ricos que faziam fartas doações a igreja e deixando de lado os pedidos do povo menos favorecido.

Conseguiu além de pessoas humildes, homens sérios da sociedade que apoiavam sua luta.

Começou Antônio então a pregar nas praças, como um beato insano era visto e começou a incomodar até mesmo as missas que corriam no mesmo horário em que Antônio pregava nas praças. Até este momento Antônio era conhecido como Antônio do povo, e ainda não tinha adquirido o apelido de conselheiro.

Então começou a incomodar o poder, Antônio pregava para grandes massas, e suas ideias acabavam sendo difundidas, e repercutindo uma revolta interna do povo contra a tirania dos coronéis, e esses, começaram a criar a história que Antônio não era um homem de bem e sim um foragido da justiça que havia assassinado a própria mãe.

Começou então a correr a história que além de louco, Antônio era agressivo e matricida, e a história que corria era que a mãe de Antônio não se dava com a Nora, e disse a Antônio que toda vez que o mesmo viajava ela o traía, pedindo a Antônio para fingir que iria viajar, e esperar próxima a sua casa que na mesma noite ele veria o outro homem entrar, e se hoje em dia, os nordestinos lavam com sangue sua honra, imagine naquele tempo, e eis que pela história contada no povoado, ele fez o que a mãe pediu, se escondeu em uma moita e quando viu o homem entrar, largou tiro em cima do mesmo, mas eis que era sua mãe, que vestiu-se de homem para aumentar a veracidade da mentira criada.

Mas na verdade, nada disso era verdade, pois Antônio havia ficado órfão aos seis anos de idade, começou então a peregrinação de Antônio para provar sua inocência, e o boato, recheado de mentiras e maldades ia crescendo em meio ao povoado, e Antônio foi preso e conduzido até Salvador e no caminho foi espancado, e humilhado e ali Antônio sofre todo tipo de tormento neste via-crúcis sangrento.

Depois foi enviado ao Ceará, para ser investigado, para descobrirem sua origem, e saber se era verdade a história da orfandade.

Ali em Quixeramobim, nas terras de sua gente, com tudo esclarecido, maltratado e maltrapilho, só

lhe restou o manto surrado e a imagem de Jesus crucificado, em quem aumentara ainda mais sua fé depois de tantas acusações sem fundamento, foi ali Antônio liberto e considerado inocente.

Voltou então a Bahia, a pé, e conquistando seguidores pelo caminho, seus ouvintes eram os pobres rejeitados, humildes, famintos, renegados, desertores, e toda a classe sofrida em geral, ouviam seus ensinamentos como um bálsamo a alma, e também pediam auxílio para pequenas causas, e assim Antônio que era quase um juiz para sua gente, aconselhava-os e assim surgiu o apelido de um dos heróis brasileiros, mais injustamente interpretado.

Sua pregação era simples, queria que todos tivessem direitos plenos, nem o rico tivesse demais, nem o pobre tivesse de menos, simplesmente buscava a igualdade social.

Queria terra para os camponeses, abrigo aos desamparados, escola para todos, escravos libertos, liberdade de plantio e criação de animais.

E começou também a entender que a Bíblia havia sido moldada pela igreja católica, e que nenhum Deus Soberano e onipotente seria capaz de criar um mundo para todos, com injustiças e desigualdade, e neste momento Conselheiro colocou o dedo na ferida do Clero, que passou a incentivar os coronéis que já não tinham simpatia por “Conselheiro”, e assim Dom

Luiz, arcebispo da Bahia, fez circular uma proibição de qualquer pessoa do povoado parar para ouvir as palavras de Conselheiro, tornando-se então conselheiro um pesadelo para aquela gente.

Então começaram a surgir várias acusações sobre seu fanatismo religioso e sua vontade de acabar com o Brasil republicano, e criar a monarquia onde ele seria o todo poderoso, visão esta afirmada até mesmo por Euclides da Cunha.

E assim a fama de conselheiro corria aos quatro ventos, se antes ele incomodava um povoado, agora já incomodava o estado e em breve iria incomodar o país.

Assim que a república foi instalada, começaram a correr no meio do povo alguns editais sobre a nova cobrança de impostos e foi assim que na cidade de Bom Conselho onde vivia na época o Antônio Conselheiro, chegou o primeiro edital, enviado pelo juiz Dr.Arlindo Leone, que cobrava somente dos mais pobres deixando sem contas com o estado os ricos, assim conselheiro em praça pública queimou os editais, causando a euforia no povo e despertando o ódio do Juiz que sentiu-se ofendido e ultrajado.

Assim expulso do povoado, Conselheiro rumou para o norte, para buscar um novo lugar.

Encontrou Canudos abandonada, procurou por água, encontrou e fundou ali a cidade de Belo Monte.

O nome “Canudos “ derivava de um povo que

havia habitado aquela região e fumava um curioso cachimbo de mais de um metro de extensão, feito com uma planta chamada Pito, de canudos de Pito, ficou o nome “ canudos”

Da cidade abandonada, a única construção de alvenaria era a igreja de Santo Antônio, que como templo fora respeitado até pelo desgaste da natureza, e ali, Conselheiro fez morada .Mas logo s rumores do novo habitat do conselheiro correram léguas e a recentemente desabitada Canudos, que era em meio ao seco sertão, tornou-se habitada, e dezenas de casas de pau á pique eram construídas diariamente, Canudos tornou-se uma espécie de Terra prometida, onde se juntavam viajantes, andarilhos, perseguidos, humilhados, foragidos da justiça, vítimas de patrões malvados, escravos fugitivos, enfim todos que precisavam ser acolhidos , ali no meio do deserto baiano eram por Conselheiro acolhidos, assim conselheiro criava a fama de Salvador, e com a pressa dos necessitados crescia a fama de que não havia feito falsas promessas e que se erguia ali, não para meia dúzia, mas para uma multidão, uma cidade onde o que importava era a igualdade.

E assim vivendo como no período Feudal, com uma agricultura de subsistência e a economia baseada na troca, a cada dia Canudos recebia novos cidadãos e fortalecia sua forma de vida, diferente de todo o restante do país.

O povo da capital e das cidades circunvizinhas começavam a vender terras e abandonar casas, todos queriam paz e igualdade em uma cidade que surgia para fazer história.

Canudos era diferente de todas as outras cidades, apesar de não haver uma igreja ou uma religião qualquer, não tinha prostíbulos, nem bares, nem clube de dança, nem polícia para prender nem justiça pra soltar, era chamada cidade da lei de um homem só e o governo republicano, com o apoio do Juiz Leone, e de Dom Luiz, começava a ver o quanto canudo incomodava.

O socialismo existente ali, era maior que na Rússia e na Albânia, onde este tipo de governo surgiu, não havia disputa de terras, ninguém era fazendeiro, nem tão pouco patrão, não se falava de mortes, não haviam pistoleiros e quando alguma intriga acontecia, logo os envolvidos eram levados a ouvir os conselhos do Conselheiro e ali morria a discussão, pois para o povo sábia e respeitada era sua opinião. Assim a paz era permanente, pois todos ouviam e o achavam prudente.

O único padre que olhava Antônio conselheiro com simpatia era Padre Cícero que não via no homem justo o mal que o governo via.

EM 1895, visitaram Canudos dois freis franciscanos e os capuchinos pediram que os habitantes de Belo Monte, abandonassem aquela ilusão, de achar que era possível uma cidade viver em harmonia, sem

dinheiro e sem religião, levaram dali a imagem de Santo Antônio e ao voltarem para a capital fizeram um relatório informando ao governo que acabassem com Canudos, pois ali, não existia o poder republicano que havia somente monarquia que Conselheiro pregava, e Antônio Conselheiro, nem críticas ao governo fazia, não pregava o socialismo clássico, pois apesar de não ter religião, acreditava em Deus e em Jesus Cristo e vivia uma utopia, sem brigas ou tirania.

Como o povo amedrontou-se de usar a igreja católica, os habitantes decidiram que fariam outro templo para a pregação de Conselheiro, e encomendaram madeiras ao Sr. João Pereira, peça chave no início da revolta que vivia na cidade de Juazeiro.

Logo juntaram o dinheiro que cada um chegou trazendo a cidade e não mais usou, e pagaram adiantada a encomenda da madeira, que nunca, em sua cidade chegou.

Sr João mandou uma carta pedindo desculpas ao conselheiro, pois não conseguiu cumprir a entrega da madeira, por falta de mão de obra, e o povo de Canudos logo se prontificou, a buscar o material, e Antônio escreveu uma carta, informando que teria quantas pessoas precisassem para carregar o material, desde que o Sr. João não se sentisse ofendido com esta decisão, e ainda disse que até ele mesmo, poderia estar presente na escolha da madeira.

E eis que este incidente do destino , surgiu na vida de Conselheiro, pois o juiz que tivera aquele edital queimado, e ainda estava engasgado de rancor, espalhou na cidade a notícia que Conselheiro iria invadir Juazeiro, saquear o comércio e levar tudo o que podiam.

E logo, chegou na capital um telegrama, pedindo ajuda as autoridades, para que a cidade não fosse invadida pelos desordeiros, e o dono da madeira, que já estava paga, e não foi entregue, ao invés de defender o povo sofrido, decidiu se bandear para o lado rico e em nenhum momento montou sua defesa.

O governador da Bahia, pediu que o tenente Pires Ferreira, comandasse uma tropa de cem homens ricamente armados para dar fim aos ditos “Fanáticos” que perturbavam a paz.

Mas como vento que venta lá venta cá, as notícias também chegaram em Canudos e Antônio Conselheiro e seus homens, não foram buscar a madeira comprada, mas mesmo assim, o tenente, querendo se mostrar valente, informou ao Juiz que sem combater os canudos, para a capital ele não voltava, então, eis que começa ali, uma das batalhas mais sangrentas da história brasileira.

A guerra não tinha base jurídica, não havia processados, não havia invasão, simplesmente a vontade do poder, contra a vontade do povo que ali vivia, sem incomodar a ninguém, simplesmente criando uma sociedade alternativa.

A primeira tropa saiu de Juazeiro em 12 de dezembro de 1876, e caminharam por 8 dias até chegar em Canudos, a tropa ao invés de ser recebida por homens armados, foi recebida por uma procissão, liderada por Antônio Conselheiro, cantavam louvores, e oravam para que a paz fosse reinstalada, homens, mulheres, idosos e crianças, todos em favor de seu líder, clamando aos soldados que apenas os deixasse viver em paz, mas, foram recebidos com tiros, e quem se defende, uma hora ataca, eram os fuzis contra as facas, as baionetas, contra pedaços de pau, o rifle contra o machado, a garrucha contra a pedra. A noite a triste contagem, homens sem braço, sem dedos e sem pernas, alguns tinham que ser sacrificados, e o sertão chorava a perda de tantas vidas, muitas delas, a vida inteira sofrida e ceifada quando encontraram a paz.

O povo de canudos era comandada por Joaquim Coiam, e Pajeú, que se mostrou um estrategista nato e mapeou toda a região, fazendo valer de sua experiência na área, e em cinco horas de batalha, a tropa do exército baiano havia sido derrotada, mas enquanto alguns soldados lutavam, outros roubavam, estupravam e queimavam as casas do vilarejo, transformando o canto de paz, em um ódio lancinante, que invadia o peito do sertanejo que dizia, se a vida foi injusta conosco, que seja mais injusta agora, pois daqui só saímos sem vida.

Quando voltaram derrotados, as notícias do

vilarejo revoltado, que venceu um exército logo correram as manchetes e o General Solón que sentiu o exército humilhado, achou que esta derrota comprometeria a imagem do exército nacional, O governador da Bahia, que não era homem de guerra, deixou clara sua vontade que este episódio isolado, ali se acabaria, deixaria que o povo vivesse, sem leis, até que percebessem que sem elas não há ordem. Mas o general não acoitou a idéia, e afirmou que o governo baiano era antirrepublicano e certamente seriam chamados de monarquistas, Luiz Viana fez tudo para evitar o conflito, mas seu o exército não aceitava a derrota por um povo desarmado.

Para ele Canudos deveria ser invadida, destruída e incendiada.

A segunda expedição foi comandada por Antônio de Brito, e desta vez foram 400 homens em uma tropa e mais duzentos em outra, e fizeram o reforço para não ter chance dos inimigos ,levaram desta vez, armamento pesado, além de metralhadoras importadas (Nordenfeldt) levaram canhões, espingardas e dinamite.A tropa se assustou com o brio dos conselheiristas, que gritavam aos seus homens que não recuasse, e fortes combatiam homem a homem, sem fraquejar, e a na noite da primeira batalha, cansaço a fome e o medo tomaram conta da tropa , a quantidade de mortos assustava aos iniciantes, e o general teve que reconhecer o fracasso de sua investida e voltar

derrotado. E a notícia do fracasso da segunda expedição, correu ainda mais rápida chegando ao presidente da república tamanha decepção, pelo exército brasileiro, ser humilhado pelos sertanejos. Assim o vice-presidente que era comandante geral do exército, impôs a ordem a carnificina, morte a todos os conselheiristas.

Foi formada uma terceira expedição, que comandada pelo Coronel Moreira César, um dos nomes mais temidos do exército brasileiro, invadiu o sertão baiano com mais de mil homens, e uma tropa montada, para combater os sertanejos, que não se rendiam, quando a tropa via, um oficial de patente cair, a metade corria, e a outra metade esmorecia, e nessa hora que o exército do conselheiro mostrava sua força e sua estratégia, atacavam a todos, sem escolher a patente, mas volta e meia, acertavam um dos grandes, e esta fama, era a que corria, que nenhum grande general com eles podia, e assim foi com Moreira César, começou o ataque, sem dó nem piedade, mandou queimar as cinco mil casas do vilarejo com sua gente dentro, idosos, crianças e mulheres, veriam seu sonho de liberdade acabar nas mãos do exército, mas a coisa não funcionava assim, Moreira César, não cavalejou 300 metros, levou um tiro de espingardada e tombou sem vida, em meio ao sertão nordestino.

Com a notícia da morte do general sanguinário, não tardou para que a tropa por ele comandada se retirasse, deixando para trás o armamento, fardas

e munição, nesta mesma batalha, morreram outros homens de peso, no exército brasileiro, o Capitão Salomão, que morreu retalhado por foice, o capitão Vilarim que morreu com vários tiros de espingarda, e o coronel Tamarindo, os sub-oficiais logo desistiram da investida e se retiraram, deixando pra trás até mesmo os corpos dos oficiais, que foram devorados pelos urubus e quanto mais a guerra avançava, mais absurda ela se tornava, os conselheiristas no vilarejo de Belo monte, acabavam recebendo de todas as partes aliados que nem ali moravam, mas que simplesmente, simpaticizavam a causa contra o governo, e ali tornavam-se companheiros, usando armas de fogo, fardas e canhões, até uma bandeira do Brasil, coisa que muito sertanejo até os dias de hoje nunca viu, na terra massacrada pelo ódio e lavada de sangue foi abandonada e assim voltou derrotada a terceira expedição, e a revolta ganhava força e mais ódio de toda a nação.

Assim formou-se uma verdadeira guerra civil, foram convocados dez mil homens, para o combate, era nada mais, nada menos que a metade de toda a guarda nacional, precisavam ser radicais, pois outros vilarejos já começavam a querer imitar a sociedade alternativa que ali começava a ser criada.

O que antes era uma briga municipal, acabou tornando-se uma batalha nacional, e agora para Canudos não tinha outra solução, precisavam levar até o final a

briga que acabou tornando-se uma batalha moral.

O Brasil, reforçou a quarta expedição, colocaram um telégrafo, para que pudessem informar rapidamente o que estava acontecendo, e eis que veio o reforço, mais três mil e quinhentos homens, formando um total de 300 para cada homem do vilarejo e foi assim que Canudos foi vencida, em uma batalha desnecessária e sanguinária.

Antônio Conselheiro já previa este fim, e em uma noite após o culto, teve um infarto agudo e morreu de causas naturais.

Alguns dias depois o beato Antônio, levantando uma bandeira de paz, procurou o general, para pedir que a guerra ali terminasse, e qual foi seu espanto ao saber que o conselheiro, já tinha dez dias de morto, e disse que só teriam paz, se todos do vilarejo fossem presos, voltando com a notícia, o povo disse que não se rendia, e assim a cidade foi devastada, sem a liderança de conselheiro e já tendo perdido seus maiores guerrilheiros, Canudos foi invadida e destruída, irrigando a terra de Belos Montes com o sangue do seu povo.

A versão contada nos livros brasileiros, mostra Conselheiro como um louco baderneiro, mas estando perto do povo Nordestino, percebemos que não é bem assim que a reza a lenda, e conselheiro como Tiradentes e Zumbi dos Palmares, foi um grande homem que clamava por justiça em uma época em que as leis eram

olho por olho e dente por dente, e que foi injustamente massacrado pela história brasileira, e o pobre do Nordeste continua sofrendo com a desigualdade social imposta que mesmo nos tempos de hoje não foi superada, com cenários paradisíacos e lindos hotéis de fachada, nos cartões postais, escondem a realidade do povo, de ruas esburacadas, crianças pedintes, prostituição infantil, renda mal distribuídas, políticos como aves de rapina e a fome... ah, a maldita fome que assola, destrói e corrói não só a dignidade humana como a magnitude do criador, que é ofendido diariamente, quando nos sinais fechamos os vidros para a realidade do ser humano e para a dificuldade de cumprir o maior de todos os mandamentos...

“Ama ao teu próximo como a ti mesmo”

José João da Cruz Filho

Membro Correspondente São Luiz do Maranhão

Lágrimas também são poesias

Lágrimas...lágrimas e lágrimas, são versos mudos
Que contam, no silêncio do tempo, a história
De uma alma. São segredos gritados no rosto,
Sem que ninguém entenda, outras vezes são orações
Que se reza sem palavras, no angustiante desespero
De uma solidão que se faz tão perversa quanto viva.
Lágrimas também são belas poesias declamadas
Ou escritas num rosto triste, cheio de saudades
Que brincam de fazer os lábios se contorcerem
No rascunho de um sorriso que não passa
De um soluço fingido, num morder de lábios
Que mostra sutilmente a dor que se sente.
Lágrimas, poesias vivas, declamadas, gritadas,
Na eloquência de um silêncio onde só a alma
Pode ouvir e entender, é a tentativa de fazer-se
Sentida. As lágrimas são versos vivos...
As poesias são histórias verdadeiras que ninguém
Acredita que aconteceram...mas se escritas
Com lágrimas, a dor mostrada pelos olhos dizem
A verdade da dor vinda da alma que a poesia...
...Conta... com lágrimas

Lúcia de Fátima Guedes de Lima. Pseudônimo (Lufague), natural de Aracati, radicada em Fortaleza, Ceará, Servidora Pública Municipal, Pós -graduada em Gestão e Direito de Trânsito. Tem publicados três livros: "Um Homem Suas Escolhas, Sua Trajetória", "Duetos ao Luar", "Da Mariposa à Seda", participou de diversas coletâneas com contos e poesias da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, tendo seu poema "Prostituição" publicado no Panorama Literário Brasileiro, melhores poesias de 2010. Sua última participação em Antologias, a grande Agenda 2016 Poeta Del Mundo.

“Os jangadeiros são filhos de jangadeiros”

O jangadeiro traz no olhar
Toda luminosidade célio do azul
È filho do filho que nasce à beira mar

Seu tempo é de sol navegante sagrado
Rumo as pesqueiras vai sua nobre agilidade
Sempre destemido à extrema ira dos ventos

Camarada que ladeia a mudez da solidão
Mas bem sabe desfrutar do vasto mar seu murmúrio
Tal seu encantamento sereno ao violão ou viola

Extrai sua fortaleza da dureza da vida
Valente como os troncos em cordoamentos silvestres
Ou sensível, quando solidário à alegria das gaivotas

O desafio da lida lhe torna sábio marítimo
Governa com maestria, seus mastros inclinados
Suas jangadas como essência do cenário cearense.

Lufague

Escreve crônicas de humor, poesias, letras de músicas, textos motivacionais, dicas gramaticais, stand up comedy, dentre outros gêneros literários. Compõe com diversos músicos. Adotou o alter ego Mingau Ácido para assinar as suas crônicas de humor. Aos três anos, já ditava estórias para a sua mãe escrever em folhas de papel almaço e grampeá-las em formato de livrinho, com direito à capa, título e nome do autor. Na adolescência, ganhou os seus primeiros concursos de redação e poesia. Publicou os seus primeiros livros aos dezessete anos de idade e escreveu os seus primeiros textos para rádio e jornal aos dezoito. É graduado em economia e Servidor Público do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Já atuou em diversos trabalhos voluntários, inclusive lecionando e utilizando suas composições como alicerce didático. Redige textos para rádios, revistas e jornais.

Os Leões da Savana Olimpo

No limiar, onde acabam ruas Começa o mar das
imagens suas Depois dos postes e dos muros Há dois dos
bosques mais escuros.

O primeiro, repleto de vagas lembranças Prisioneiro
tão certo das intemperanças Hábito cultivado, querer por
querer Hábil, estar prostrado, eu, junto a você.

O segundo, mais adiante Mais profundo, agoniante
Você mais viva, effígie forte Sua saliva, gosto de morte.

Brenha sombria, leões que rugem Venha macia,
monções na nuvem Pairando em cima, é poma, mamar
Bufando a lima, aroma pomar.

Tomo seu suco com gosto de leite Bebo do muco,
encosto, deleite Mandíbula aberta, o líquido orgânico A
fíbula aberta, jorrar oceânico.

Seu DNA pra dentro de mim Delinear do centro ao
fim O fluido que engulo, que sorvo, que trago Descuido,
ejaculo, escorvo, apago.

Floresta, eu deixo. Felídeos, abandono Sem festa,
me queixo. Sem lítio e com sono Urbano me faço.
Alamedas, eu trilho Insano, escasso, em veredas sem
brilho. Epílogo: Espanto, não logrei o "desenrosque"
Quando me embrenhei no bosque Para ter com os
Leões-Reis. A permissão para, somente desta vez, Poder
reger as próprias leis Pra que nós dois fôssemos três.

Marcello Silva é bacharel em Contabilidade (UFPI), blogueiro e autor do livro de poesias O Pescador (Chiado Editora). Participou da coletânea “Natal do Castelo Literário” (Editora PenDragon); Participou do projeto literário “Enredado” (Editora Vidráguas). Editor dos blogs: Chavazada, Resenha Contábil e O Pescador

Fazenda Poção

Moro nos seios da caatinga.
Embalado pelos redemoinhos de agosto.
Aqui saboreio o jatobá maduro.
Com o vento livre no rosto.
Essa minha ‘mata branca’
Que sofre com a estiagem.
A mãe da lua chorosa canta.
O lirismo da triste imagem.
Quando chega o inverno.
O verde renasce em esplendor.
Canhens e xexéus nas ateiras.
Nos cajueiros um sabiá cantador.
Moro entre as carnaubeiras.
Tendo um rio no meu quintal
No terreiro brinca a caipora.
Numa felicidade sem igual.

Sempre gostou muito de ler, nutrindo uma admiração por todos àqueles que se dedicavam à arte da poesia. Escrevia muito quando criança e adolescente, mas os escritos perderam-se com mudanças e residências. Retornou a escrever após o falecimento de seu marido em 2008, como uma forma de desenhar no papel seus sentimentos e emoções, adotando a forma livre de escrever seus textos. Atualmente integra várias Academias virtuais de poesias, tendo merecido alguns prêmios, um deles concedido pela Academia de Artes e Letras de Fortaleza. Integra, como membro fundador, a Academia de Letras, Música e Artes de Salvador, tendo recebido a comenda Luiz Vaz de Camões do Núcleo de Letras e Artes de Lisboa, integrando, ainda, como membro, a Academia de Artes e Letras de Valparaíso. Participou, também, da Antologia Pablo Neruda e convidados, tendo recebido a Insígnia Comemorativa respectiva.. Em janeiro lançou seu primeiro livro “ACORDES DO CORAÇÃO”. Acadêmico Efetivo

Ceará, meu Berço Dourado!***

Fortaleza! que saudades de minhas raízes,
Da claridade a invadir a pequena cidade,
A tornar nossos dias iluminados,
E nossas almas aquecidas!

Lembranças infantis de um recanto parasidíaco
Quando se podia brincar
em suas ruas de paralelepípedes,
Soltando pipas e jogando amarelinha,
Sem ruídos e interrupções causadas por veículos,
peças raras!

De longos períodos de férias na praia agreste,
ainda, de Iracema,
Onde, sem os perigos atuais,
desbravavamos seus ricos recantos ,
Banhados pelas fortes ondas de um
verde cristalino durante o dia,
E pelo canto do vento suave e morno
de suas noites enluaradas!
De passeios do grupo familiar às serras agrestes,
Conduzidos em cacambas de velhos caminhões,
Das cascatas e poços naturais que banhavam nossos
corpos,
E da iluminação das velas
a clarear nossas estreladas
noites!

Lembranças juvenis de namoros furtivos,
Embalados por "luaradas" à beira-mar,
Regidas por inspirados sons de violões,
Danças com pés descalços na areia e românticas
canções!

Terra encantada a alimentar mentes criadoras,
grandes escritores!
Corações sensíveis, invejáveis poetas e compositores!
Espíritos alegres e brincalhões, grandes comediantes!
E, em épocas passadas, pioneira na luta pela abolição
da escravatura!

Terra do Sol...
Recanto de Luz...
Celeiro de almas nobres...
Minha terra natal...!!!!

Rejane Costa Barros

Rejane Costa Barros nasceu em Fortaleza-CE em 09 de dezembro. Filha de Antonio Eliseu de Barros Filho e de Maria Geisa Costa Barros. É Pesquisadora e Revisora gramatical. Detentora de vários prêmios em concursos de Poesias e Trovas. Pertence a várias Academias Literárias. Verbete no Anuário do Ceará 2010/2011. Em março de 2014 lançou seu livro de poesias intitulado, Águas do Tempo.

O Jogo

Não é preciso ir longe, em escaladas,
para te encontrar, assim, sublime,
amado meu, num vasto lago de ternura,
procurando um pretexto, uma jura
que nos caiba e nos rime.
Assim, soltos e puros,
nós dois, apenas, compomos o nosso time.
E o jogo é bom
as horas aquecidas
as palavras de fogo sussurradas...
Um pacto que perdura

o mesmo tom
nalguns instantes que parecem vidas
onde as mais rudes lonjuras
e as partidas
de novo viram lépidas chegadas.
Amado, meu amado,
a saudade te põe em cada dobra
da noite ou da manhã de solidão
e escuto o teu rumor quando me cobra
silêncio aflito e tempo de canção.
Quando estás para vir
premonitória escuto os teus sinais,
teu cheiro vem na brisa ou no brandir
da transparência esguia dos cristais.
A noite me revela de vermelho
como convém ao vinho e às batalhas;
por onde ando, estás em cada porta, em cada espelho
abres teus braços e vigilante atalhas
meu ser em suas rotas triviais.
Mas eu gosto, amado,
destas manhãs
que nos semeiam a vida de ternura
e nem precisa que sejas um rei
nem eu uma rainha
para formar de dois a nossa grei
neste país repleto de façanhas.

Roberto Ferrari

Engenheiro, analista de sistemas, administrador de empresas, poeta, escritor e comunicador. Sempre gostou de escrever desde a juventude, publicou os livros: Sublime Amor, Ventos da Paixão, Identidade Assassina, Fundamental como o Amor, Refúgio da Alma, Negócios de Sangue e Intenso como a Vida. Algumas atribuições e homenagens recebidas: •Membro Conselheiro e Diretor Cultural da ABRASCI – 2010. Ocupa a cadeira Vinícius de Moraes, nro 39. •Membro da EscBrás - 2013 Membro da Academia de Letras de Buenos Aires - 2013 Membro da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Paris – 2013 Doutor Honoris Causa em Literatura pela FAMET de Belo Horizonte- 2013 Diretor Regional da Literarte em SP – 2014 Acadêmico Correspondente ALAF – SP

Ouro Preto

Hoje as marcas do tempo cobrem também a noite
de verão Para o nosso amor, amada Hoje pelas ladeiras
de Ouro Preto.

Lembro de Marília de Dirceu.

Lembro de nós

Amor tão intenso quanto aquele Nem as rosas
são mais belas que ti Tuas mãos, teu cabelo macio, teus
seios em riste... Abre bem teus olhos amada,

Olha para mim no momento de êxtase Acima de
nós o céu é antigo

Lembra ainda de Marília. Mas logo teremos a
companhia da Lua, eterna e bela

Nas ladeiras de Ouro Preto cantei teu nome

Deixa amor que minhas palavras te acarinhem

Que meus versos te encantem Nesta noite
imaculada Que doçura a tua; como saíste do meu peito
Tu só me ensinaste a te querer

Sem ti não posso viver Levo minha poesia e flores
do campo para ti

E quem sabe em uma serenata de amor

Nas ladeiras de Ouro Preto você se renda ao
meu amor... Que vazio restou no meu peito com a
tua ausência... Que noite silente, que desesperado o
crepúsculo A desfolhar meu amor em pétalas...

Vera Salbego é natural de Uruguaiana rs Brasil. Formada em Letras/Português e Literatura Brasileira, Pós-Graduada em Psicopedagogia e Mestrado Literatura Latina. Tem vários livros publicados e participa de várias Academias Literárias Nacionais e Internacionais.

As Quatro Estações

Deus criou as quatro estações
Para que o homem
Aproveitasse todos os momentos da vida.
O verão para saborear o sol
E a natureza com toda sua essência.

A primavera para olhar e sentir
Os aromas da natureza.
Com todo seu esplendor.
Sua majestade em flor.

No outono as folhas caindo
E a gente sentindo na pele
O ventinho que vem de mansinho.
E os dias que vão escurecendo mais cedinho.

Chega o inverno.
Que Deus criou para o homem
Voltar-se mais para junto da família.
Do aconchego do lar.
Para interiorizar-se.
Buscar no íntimo de cada ser.
A reflexão de si mesmo.
E poder continuar assim.
A caminhar e viver junto às quatro estações do ano.